

minha esperança, / Com minhas penas vem o desengano!" *A Trombeta dos Farroupilhas*, mais caprichosa, procurou em Camões a inspiração motivadora: "Os que são bons, guiando favorecessem. / Os maus enquanto podem nos empecem". *O Martelo* não fugiu ao seu destino na epígrafe: "Protesto martelar sem piedade / A quantos contra a Pátria aparecerem". Já a pátria, na mais antiga das explorações, servia de anteparo aos desatinos desse curioso pasquim, num farisaísmo menos malévolo, certamente, do que aquele agora usado, sob a mesma capa, para disfarçar a preservação dos mais torpes privilégios. Já *O Trinta de Julho* trazia na epígrafe uma nota violenta: "O sangue derramado pede sangue!" Tal título estava ligado ao fracassado golpe de 1832. A epígrafe de *A Marmota* era breve e significativa: "Dois vinténs a quem quer ver". A citação seria infundável, se houvesse o propósito de verdadeiro levantamento das epígrafes. As citadas constituem amostras do que foi essa característica da imprensa antiga do Brasil, a grande e a pequena, mas particularmente acentuada nesta, hábito que persistiu por longo tempo e que, do jornal, passou ao livro. A nota mais comum era o emprego do verso — tal como se verifica hoje em anúncios por vezes, os impressos como os falados — de preferência o verso de autor célebre, concordante com as tendências do jornal ou revista. Na epígrafe, anunciava-se a orientação do periódico. Efêmeros, circunstanciais, destinados a fim imediato, os pasquins não conseguiam atravessar o tempo, nem era essa sua intenção. Mas deixavam sempre curioso rastro.

A violência de linguagem, a invasão da vida particular e íntima, a difamação organizada, a devassa na conduta das pessoas, não foram, certamente, normas privativas do pasquim, muito menos a sua característica única e imutável. Muitas outras lhe deram as linhas com que viveu e acabou por constituir-se em tipo da pequena imprensa brasileira, especialmente na primeira metade do século XIX. Se houve pasquins, por semelhança, em outras épocas também, é inegável que a época própria foi aquela, quando, por condições irrepetíveis no conjunto, proliferaram como em campo propício e fecundo, — destacadamente na fase entre as vésperas do Sete de Abril e o fim da primeira metade do século, ultrapassando o golpe da Maioridade, que anunciou o enfraquecimento do gênero. Mesmo nessa fase, houve um momento crítico, que assistiu ao apogeu do pasquim: entre as vésperas do Sete de Abril e o fracasso do golpe de julho de 1832; a rigor, os anos que vão de 1830 a 1833. Neste último, os pasquins multiplicaram-se assustadoramente, em floração sem perfume, sem a menor dúvida, quando se misturavam a violência da linguagem impressa e a violência física dos atentados pessoais. Sacrificaram tais atentados alguns pasquineiros mais conhecidos, pagando tributo ao gênero a que se haviam dedicado e